



Água gera 24% da energia produzida em Portugal

EM 2020, a APREN prevê que 33% da energia produzida seja proveniente de centrais hidroeléctricas.

Raquel Carvalho
raquel.carvalho@economico.pt

PERSPECTIVAS PARA 2020

1 Mini-hídricas produzirão 2% de electricidade

Segundo António Sá da Costa, presidente da Associação de Energias Renováveis (APREN), "até 2020 pode aproveitar-se o potencial de 400 MW de mini-hídricas, o que representará 2% da electricidade produzida nesse ano". De frisar que estas centrais de menor dimensão só produzem energia cerca de 3/4 do ano, pelo que é necessário recorrer às grandes centrais.

2 Energia das ondas crescerá só em 2020

O potencial do país para aproveitar a energia das ondas e marés para produzir electricidade é imenso, mas as tecnologias utilizadas são ainda muito incipientes. Portugal tem duas centrais que aproveitam a energia das ondas, mas António Sá da Costa acredita que só depois de 2020 esta forma de obter energia sentirá crescimento, representando, porém, apenas 1% do que se produz.

3 Água irá gerar 33% de energia

António Sá da Costa prevê que "33% da energia produzida em 2020 em Portugal, tenha como origem a água". Para se obter energia hídrica são precisas centrais hidroeléctricas, que, através de turbinas hidráulicas, associadas a geradores e alternadores, produzem energia eléctrica, na generalidade dos casos, com um rendimento global superior a 90%.

Em 2009, 24% da energia eléctrica produzida em Portugal teve na sua origem a água. Um valor que poderá subir para 33%, em 2020, ano em que a António Sá da Costa, presidente da Associação de Energias Renováveis (APREN), prevê que mais de 80% da energia eléctrica seja proveniente de energias renováveis. Actualmente, a fasquia encontra-se nos 41%. De frisar que desses 33%, ou seja, um terço da energia gerada, será produzida através tanto das grandes como das pequenas centrais eléctricas, "sendo que as grandes representarão 29%, e as mini-hídricas os restantes 4%", esclarece o responsável. Em 2020 prevê-se também que 30% da electricidade venha do vento, fonte que só será possível aproveitar, diz, "se Portugal tiver capacidade de bombagem hídrica. Daí a importância das bar-

O Plano Nacional de Barragens vai permitir a Portugal reduzir a dependência energética do país, apostando nas energias renováveis e valorizando a energia eólica.

ragens", frisa, acrescentando que as centrais hidroeléctricas "potenciam outras fontes de origem renovável".

Sobre isto o responsável é assertivo: "a forma mais interessante de produzir energia é através das centrais hidroeléctricas". E explica porquê: Se tivermos uma central com capacidade de armazenamento, vamos buscar a energia a uma albufeira, armazenamos sem gastar água e quando é possível podemos usar". Pelo facto de se utilizar um recurso natural, "os custos a longo prazo são menores", diz Sá da Costa que enumera mais vantagens na utilização das centrais hidroeléctricas: "Entre a altura em que estão totalmente paradas e a que começam a funcionar, apenas demoram um minuto e meio, ao contrário das centrais térmicas que demoram muito tempo", revela. Mas há mais. O presidente da APREN refere ainda que as turbinas e geradores "conseguem funcionar com rendimentos muito elevados".

A contrapartida é o facto de não ser controlável o nível de precipitação. "A produção pode ser maior ou menor do que o consumo". A questão resolve-se armazenando água. Daí a importância das barragem não só produzirem, mas também armazenarem energia "para fazer um ajuste do consumo e da produção renovável". De

facto, a capacidade de armazenamento que as novas barragens a construir vão ter é a grande vantagem apontada por Sá da Costa. "Em cada instante a oferta e a procura têm que ser iguais e a forma de produzir electricidade que melhor se adapta às flutuações sem perda de rendimento é a hidroeléctrica", garante.

Em Portugal, a variação entre produção e consumo, de um ano muito seco e de um ano muito húmido, é de 1 para 3,5%. O presidente da APREN diz que em Portugal, num ano muito húmido podemos produzir 15 TWh e num muito seco, 4 TWh, sendo que o consumo em Portugal anda muito perto dos 50 TWh, valor idêntico ao que se produz, "devido ao facto de não haver armazenamento".

Importante referir que a produção média de energia em Portugal, nas pequenas e grandes centrais hídricas representou nos últimos anos 6,1% do consumo total de energia primária e 48,6% de energia eléctrica disponível para consumo final. Porém, o facto do índice de aproveitamento hídrico se situar ligeiramente abaixo dos 50%, torna-o num dos piores da Europa, cuja média ultrapassa os 70%. Por isso, é importante aumentar a fasquia de produção de energia eléctrica por via hídrica. É esse um dos objectivos do Plano Nacional de Barragens, apresentado pelo Governo em 2007 e que previa a construção de dez novas barragens, sendo que duas caíram por terra por falta de interessados. O Plano teve um primeiro aval da Comissão Europeia, que, porém, em Novembro de 2009 apontou algumas falhas a nível ambiental. Um relatório encomendado por aquele organismo refere que os impactos e a verdadeira necessidade do programa foram mal avaliados. Além disso, Bruxelas criticou o facto de haver estudos que ficaram por fazer e que tinham como objectivo avaliar os impactos das novas barragens na qualidade da água. A Comissão Europeia referiu que com a construção das barragens, não será possível a Portugal cumprir a legislação europeia relativa à qualidade da água, o que poderá levar a uma aplicação de sanções contra Portugal a partir de 2015. O Governo Português foi igualmente criticado por não ter apresentado uma alternativa que permitisse uma mais clara relação entre custos e benefícios do projecto, tendo estado também em causa, o equilíbrio entre a produção de energia e a necessidade de manutenção de caudais mínimos dos rios, o que vai obrigar a uma produção de electricidade entre 20 a 35% inferior à prevista. Bruxelas apontou também o dedo ao facto de poucas barragens terem viabilidade económica.

Mas o Governo já fez saber que não vai recuar. O avanço justifica-se pelo facto deste plano permitir a Portugal reduzir a dependência energética do país, apostar nas energias renováveis, valorizar a energia eólica, bem como criar riqueza e emprego. António Sá da Costa é adepto deste plano, defendendo que as oito novas barragens "vão colocar Portugal com mais capacidade para bombear e armazenar energia", frisando que "serão importantes para aumentar a produção, mas sobretudo para armazenar". Quanto aos impactos ambientais, o responsável afirma que a natureza se adapta e que estas barragens vão ajudar o país a desenvolver-se. ■





METADE DAS ESPÉCIES DO FLUVIÁRIO AMEAÇADAS

Com 56 espécies, o Fluvial de Mora é um caso de sucesso. Do número de espécies de rios presente, praticamente metade está em risco de desaparecer. As causas são diversas e vão do desenvolvimento urbano à agricultura intensiva, passando pela construção de barragens. O Fluvial de Mora abriu portas em Março de 2007 e até hoje recebeu 450 mil visitas.

As quatro maiores barragens

■ GOUVÃES É A MAIOR BARRAGEM DO PLANO

Com um custo de 406 milhões de euros, a Barragem de Gouvães, produzirá 1128 GWh/ano, cerca de 1709 horas por ano. É a maior das oito novas a construir com uma potência instalada de 660 MW. Adjudicada a Iberdrola, esta barragem tem inauguração prevista para 2018.

660MW

■ PADROSELOS E GIRABOLHOS



Padroselos será a 2ª a produzir mais energia: 460 GWh, mas é 5ª em potência instalada: 230 MW, o que se explica por ser a que produzira energia mais horas por ano: 2039. Já Girabolhos é a 2ª em potência: 364 MW, mas apenas produzirá 110 GWh ano, o que corresponde a 302 horas. O seu papel principal é o de armazenamento. Padroselos, adjudicada à Iberdrola, tem inauguração prevista para 2018 e Girabolhos, adjudicada à Endesa, entra em funcionamento em 2016.



■ FOZ TUA

Serão 275 GWh de energia produzidos ao ano, pela barragem de Foz Tua, que terá 251 MW de potência instalada. Adjudicada à EDP, a sua construção implicará um custo de 293 milhões de euros e tem inauguração prevista para 2014.

238MW

■ CURIOSIDADES DO PLANO

As novas barragens aumentarão a potência instalada do país em 1900 MW, permitindo a Portugal produzir mais 2800 GWh de energia por ano. Umas terão mais a função de bombear e armazenar água e outras de produzir electricidade.

■ GOUVÃES

Com capacidade para produzir 295 GWh/ano de energia, a barragem de Fridão, adjudicada à EDP, terá uma potência instalada de 238 MW. Tem inauguração prevista para 2015, e custará 255 milhões de euros.